

GEORGES SIMENON

A neve estava suja

Tradução
Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1948 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La neige était sale

Projeto gráfico
Alceu Chiesorin Nunes e Bruno Romão

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Flavia Lago

Revisão
Ana maria Barbosa
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.
A neve estava suja / Georges Simenon ; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Título original: Le neige était sale.

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2. Romance francês I. Título.

14-04309

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa
843.0872

[2014]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

PRIMEIRA PARTE — Os fregueses de Timo, 7
SEGUNDA PARTE — O pai de Sissy, 83
TERCEIRA PARTE — A mulher à janela, 163

PRIMEIRA PARTE
Os fregueses de Timo

Não fosse um acontecimento fortuito, o ato de Frank Friedmaier naquela noite teria tido uma importância apenas relativa. Frank, evidentemente, não havia previsto que seu vizinho Gerhardt Holst passaria pela rua. Ora, o fato de Holst ter passado e tê-lo reconhecido mudava tudo. Mas isso também, e tudo o que iria se seguir, Frank aceitou.

É por isso que o que aconteceu naquela noite perto do muro do curtume foi bem diferente, para o presente e para o futuro, da perda de uma virgindade, por exemplo.

Foi o que Frank pensou de início, e essa comparação o divertia e ao mesmo tempo o envergonhava. Fred Kromer, seu amigo — é verdade que Kromer tinha vinte e dois anos —, havia matado mais um homem na semana anterior, justamente ao sair do bar do Timo, onde Frank se encontrava alguns minutos antes de se apoiar contra o muro do curtume.

Será que o morto de Kromer podia mesmo entrar na conta? Kromer se dirigia para a porta, abotoando sua peiça, ar importante, como sempre, um charuto grosso em seus lábios grossos. Ele reluzia. Kromer estava sempre reluzente. Tinha uma pele grossa, espessa como a de certas laranjas, e parecia suar.

Alguém o havia comparado com um touro jovem que não consegue se satisfazer. Em todo caso, é em algo sexual que seu rosto espesso e brilhante, seus olhos úmidos, seus lábios inchados faziam pensar.

Um sujeito magro, baixinho, um pouco pálido e febril como há tantos, principalmente de noite, tinha se postado bestamente em seu caminho — ninguém acreditaria, vendo-o, que tinha dinheiro bastante para vir beber no bar do Timo — e havia lhe passado uma descompostura, agarrando-o pela gola de pele.

O que Kromer teria lhe vendido, com que não estava satisfeito?

Kromer havia passado por ele, muito digno, fumando seu charuto. O outro, o mal alimentado, talvez porque estivesse com uma mulher que pretendia impressionar, o seguira pela calçada, onde começara a berrar.

As pessoas, na rua de Timo, não se espantam muito com as gritarias. As patrulhas aparecem por lá o mais raramente possível. Mas se uma viatura desses senhores houvesse passado por perto, teriam sido obrigados a conferir.

– Vá dormir! – dissera Kromer ao gnomo que tinha uma cabeça grande demais para o corpo e os cabelos de um ruivo ardente.

– Não sem antes você ouvir o que tenho a te dizer.

Se tivéssemos de ouvir tudo o que os outros têm a nos dizer, logo, logo enlouqueceríamos.

– Vá dormir!

Será que o ruivo tinha bebido demais? Ele tinha muito mais cara de quem se droga. Será que era Kromer que lhe fornecia a droga e que ela estava batizada demais? Pouco importa.

Kromer, no meio da aleia negra entre os dois bancos de neve, tirou o charuto da boca com a mão esquerda. Golpeou com o punho direito, de uma só vez. E então, viram-se duas pernas e dois braços no ar, literalmente, como uma marionete; depois viu-se a forma escura se incrustar no monte de neve que margeava a calçada. O mais curioso é que havia ao lado da cabeça uma casca de laranja, o que sem dúvida não se encontraria em nenhum outro lugar da cidade, a não ser em frente ao bar do Timo.

Timo saiu, sem casaco, sem boné, do jeito que estava no bar. Apalpou a marionete e espichou um pouco o lábio inferior.

– Teve o que mereceu – grunhiu. – Em menos de uma hora estará durinho.

Será que Kromer matou mesmo o ruivinho com um soco? É o que ele espalha. O cara é que não vai contradizê-lo, porque, a conselho de Timo, que nunca perde seu tempo, foram jogá-lo a duzentos metros dali, na velha doca onde os esgotos são despejados e impedem a água de congelar.

Kromer pode, portanto, afirmar ter matado o sujeito. Mesmo que Timo tenha alguma coisa a ver, mesmo que a marionete, que tiveram de jogar mais uma vez para o ar, por cima de uma mureta de tijolo, não estivesse totalmente morta.

A prova de que Kromer não computa esse fato como algo sério é que ele continua a contar a história da mulher estrangulada. Só que isso não ocorreu na cidade nem num lugar que os outros conhecem. Não se tem provas. Desse jeito, qualquer um pode se gabar de qualquer coisa.

– Ela tinha peitos grandes, quase não tinha nariz, e olhos claros – diz ele.

Quanto a isso, não variou. Mas toda vez acrescenta detalhes.

– Foi num celeiro.

Bom. Mas o que Kromer, que nunca foi soldado e que detesta o campo, fazia num celeiro?

– Fizemos amor na palha, e o tempo todo umas palhinhas me fizeram cócegas, me deixando de mau humor...

Kromer conta essa história fumando seu charuto e olhando fixo à sua frente, ar ausente, como por modéstia. Tem mais um detalhe sobre o qual ele não varia. É uma frase da mulher.

– Espero que você esteja me fazendo um filho.

Ele sustenta que foi essa frase que desencadeou tudo, que a ideia de ter um filho com aquela mulher burra e suja, que ele amassava como se fosse massa, lhe pareceu grotesca, inaceitável.

– *Totalmente i-na-cei-tá-vel.*

E que ela se tornava cada vez mais meiga e mais grudenta.

E que ele conseguia, sem precisar fechar os olhos, ver uma cabeça monstruosa, loura e pálida, sem fisionomia, que seria a do filho dele com aquela mulher.

Será que é porque Kromer tem cabelos castanhos e é duro como uma árvore?

– Aquilo me deixou enojado – concluiu deixando cair a cinza do charuto.

É um espertalhão. Conhece os gestos a fazer. Tem tiques que o tornam interessante.

– Achei mais seguro estrangular a dona. Era a primeira vez. Querem saber? É muito fácil. E nada perturbador.

Não é só Kromer. Quem, no bar do Timo, não matou pelo menos uma pessoa? Na guerra ou de outro modo. Ou por delação, o que é mais fácil. Nem é preciso assinar o nome.

Timo, que não se gaba disso, deve ter matado uma enorme quantidade, senão os ocupantes alemães não deixariam seu bar aberto a noite toda sem vir ver o que acontecia por lá. Embora as venezianas estejam sempre fechadas, embora tenha de se passar pela aleia e se mostrar através da porta, eles não são tão ingênuos assim para não saber.

Então? Para Frank, a defloração, a verdadeira, outrora, não teve muita importância. Porque ele estava num meio favorável. Para outros, é toda uma história, que, anos depois, ainda contam acrescentando floreios, como Kromer no caso da moça estrangulada no celeiro.

Que Frank aos dezenove anos tenha matado seu primeiro homem, não passa de uma defloração só um pouco mais perturbadora que a primeira. E, como no caso da primeira, não foi premeditada. Aconteceu por acontecer. Parece que chega um momento em que é ao mesmo tempo indispensável e natural tomar uma decisão que, na realidade, já está tomada há muito tempo.

Ninguém o forçou. Não riram dele. Aliás, os imbecis é que se deixam impressionar pelos amigos.

Faz semanas, meses talvez, ele disse consigo mesmo, por sentir em si uma espécie de inferioridade:

– Preciso experimentar...

Não numa briga. Não é do seu caráter. Em seu espírito, para que entre na conta, é indispensável ser consumado a frio.

A ocasião se apresentou há pouco. Será que é porque ele estava à espera que se tornou ocasião?

Estavam no bar do Timo, à mesa deles, perto do balcão. Kromer estava junto, com sua peliça que ele não tira das costas nem nos lugares mais aquecidos. E seu charuto, claro. E sua pele reluzente. E seus olhos grandes que têm de fato algo de bovino. Kromer deve acreditar que tem uma essência diferente da do resto do mundo porque não se dá ao trabalho de arrumar as notas graúdas numa carteira, enfiando-as em vez disso, aos maços, todas amarrotadas, nos bolsos.

Com Kromer havia um cara que Frank não conhece, um sujeito de outro meio, que foi logo se apresentando:

– Pode me chamar de Berg.

Deve ter pelo menos quarenta anos. É frio, secreto. É da pesada. A prova é que Kromer se mostra quase humilde perto dele.

Contou-lhe a história da moça estrangulada, sem insistir, como quem diz que não era nada, que não era mais que uma brincadeira, um incidente.

– Olha, Frank, a faca que meu amigo acaba de me dar.

E a faca, como uma joia que se valoriza ao sair de uma rica caixa, adquiria mais prestígio ao ser extraída da peliça quente e ser exibida na toalha xadrez da mesa.

– Sinta o gume.

– Claro.

– Consegue ler a marca?

Era uma faca fabricada na Suécia, uma faca de mola, de lâminhas tão puras, tão “viva”, que você tinha a impressão de que a lâmina devia ter sua inteligência própria e procurar sozinha seu caminho pelas carnes.

Por que Frank tinha dito, envergonhado do tom infantil que adotava sem querer:

– Me empresta.

– Para quê?

– Para nada.

– Estes brinquedinhos não nasceram para não fazer nada.

O outro personagem sorria, com um sorriso um tanto protetor, como se ouvisse as fanfarronadas de dois garotos.

– Me empresta.

Não para não fazer nada, claro. Mas ainda não sabia. Foi nesse instante que viu, na mesa do canto, sob o lustre com cúpula de seda roxa, o suboficial gordo, já vermelho – violeta, por causa da luz –, tirar o cinturão e colocá-lo entre os copos.

Todos eles conheciam o suboficial. Era quase um mascote, uma espécie de animal familiar que você se acostuma a ver em seu lugar. Era o único, entre os ocupantes, a vir regularmente ao bar do Timo sem se esconder, sem tomar precauções, sem recomendar discrição.

Devia ter um nome. Aqui o chamavam de Eunuco. Porque era gordo, tão gordo que sua carne estufava seu uniforme, fazia pneus na cintura e debaixo dos braços. Fazia pensar numa matrona que se despe e cujo corpete marcou as carnes moles. Tinha outros pneus na nuca e debaixo do queixo, e em seu crânio esvoaçavam cabelos irregulares, incolores, sedosos.

Sempre sentava no mesmo canto, invariavelmente com duas mulheres, quaisquer que fossem, desde que fossem magras e de cabelos escuros. Diziam que ele as preferia peludas.

Quando os fregueses que entravam se sobressaltavam ao ver sua farda – a da Polícia de Ocupação –, Timo mal baixava a voz para dizer:

– Não tenham medo. Ele não é perigoso.

Será que o Eunuco ouvia? Será que entendia? Pedia jarras e mais jarras de bebida. Uma mulher no colo, outra a seu lado no banco, ele lhes contava histórias baixinho, no ouvido, e ria. Bebia, contava, ria e as fazia beber, as mãos enfiadas nas saias delas.

Devia ter família em algum lugar do seu país. Nouchi, que tinha brincado com a carteira dele, dizia que estava repleta de fotos de crianças de todas as idades. Ele chamava as mulheres por nomes que não eram os delas. Isso o divertia. Pagava o jantar delas. Adorava vê-las comer, pratos caros que só se encontram no bar do Timo e em alguns estabelecimentos de acesso ainda mais difícil, reservados na verdade aos oficiais superiores.

Quase as obrigava a comer. Comia com elas. Bolinava as meninas na frente de todo mundo. Olhava para seus dedos molhados e ria. Depois, regularmente, chegava uma hora em que desafivelava o cinturão e o depositava na mesa.

Nesse cinturão havia um coldre com um revólver.

Em si, tudo aquilo era desimportante, o suboficial, o Eunuco, era um gordo depravado de quem só falavam fazendo piada. Inclusive Lotte, a mãe de Frank.

Ela também o conhecia. Todo o bairro o conhecia, porque, para ir à cidade, onde devia ficar sua repartição, ele atravessava duas vezes por dia a rua do bonde e descia até a ponte velha.

Não morava no quartel. Hospedava-se na pensão da sra. Mohr, viúva de um arquiteto, duas casas acima da rua do bonde.

Era um vizinho. Era visto a horas fixas, sempre rosado e bem-arrumado, apesar de suas noitadas no bar do Timo. Tinha um sorriso bem dele, que parecia maroto a alguns, mas que talvez não passasse de um sorriso de bebê.

Virava-se para as meninas que passavam, fazia gracinhas para elas, às vezes lhes dava balas, que tirava dos bolsos.

– Aposto que um desses dias ele sobe – dissera Lotte, a mãe de Frank.

O ofício dela também era proibido. Claro, tinha o direito de ter um salão de manicure no bairro do velho porto, ainda que, com toda certeza, não passaria pela cabeça de ninguém subir três andares, num prédio repleto de inquilinos, para cuidar das unhas.

Sabia-se, não só na rua, mas, por assim dizer, na cidade toda, que havia uns quartos nos fundos.

O Eunuco, que pertencia à polícia dos ocupantes, também devia saber.

– Você vai ver que ele sobe!

Só de avistar um homem pela janela do terceiro andar, Lotte era capaz de dizer se ele acabaria subindo ou não. Podia até prever o tempo que levaria para se decidir, e raramente se enganava.

O Eunuco tinha de fato vindo, um domingo de manhã – por causa do seu horário de repartição –, todo sem jeito, todo bobo. Frank não estava, o que lamentou, por causa da claraboia no alto da parede, que lhe permitia espiar dentro da alcova subindo na mesa da cozinha.

Tinham contado a ele. Naquele dia, só estava presente a Steffi, uma varapau de pele descorada, capaz unicamente de se deitar abrindo as pernas e olhando para o teto.

O suboficial ficara decepcionado, sem dúvida porque com Steffi não havia o que fazer se você não fosse direto ao assunto. Ela não era nem mesmo sensível o bastante para ouvir convenientemente as histórias que lhe contavam.

– Você não passa de um buraco, minha filha – Lotte vivia lhe dizendo.

O Eunuco deve ter imaginado que as coisas aconteceriam de outro modo. Será que ele era mesmo impotente? Em todo caso, nunca havia saído do bar do Timo com uma mulher.

Será que ele se satisfazia sozinho quando as bolinava, sem que ninguém percebesse? Era possível. Tudo é possível com os homens, Frank sabia disso desde que tinha feito sua formação, em pé na mesa da cozinha, espiando pela claraboia.

Não era natural que, já que precisaria matar alguém um dia ou outro, lhe viesse a ideia de se experimentar com o Eunuco?

Primeiro, ele tinha de usar a faca que lhe puseram nas mãos e que era mesmo uma bela arma. Dava vontade de experimentá-la, sem querer, de sentir o efeito que ela produzia ao penetrar nas carnes e se enfiar entre os ossos.

Existe um truque que tinham lhe explicado: girar ligeiramente a mão, como a uma chave na fechadura, uma vez que a lâmina estava entre as costelas.

O cinturão estava em cima da mesa, com o revólver pesado e liso em seu coldre. O que não se pode fazer com um revólver! E que tipo de homem a gente se torna automaticamente!

Enfim, havia aquele sujeito de quarenta anos, o tal de Berg, um colega de Kromer, logo uma pessoa segura, uma pessoa muito bacana, sem dúvida, a quem deviam ter falado dele como sendo um garoto.

– Me empreste só por uma hora, para eu estreá-la. Aposto que volto com um revólver!

Naquele momento, aquilo não tinha nada de mais. Frank conhecia o lugar onde ficar emboscado. Na Rue Verte, que o Eunuco pegaria fatalmente para sair da doca e chegar à rua do bonde, havia uma velha construção, que ainda chamavam de curtume, apesar de não se curtir mais nada ali há uns quinze anos. Na verdade, Frank nunca vira o curtume em atividade; afirmavam que na época em que o Exército utilizou o edifício, chegou a ter seiscentos operários.

Não eram mais que grandes paredes nuas, de tijolo escuro, com janelas altas como as de igreja, que começavam a seis metros do solo e cujos vidros estavam todos quebrados.

Um beco escuro, de apenas um metro de largura, separava o curtume do resto da rua.

O primeiro bico de gás aceso – a cidade era cheia de bicos de gás torcidos ou quebrados – ficava longe, na parada do bonde.

Era muito simples, portanto, nem chegava a ser emocionante. Ele estava ali, no beco, costas coladas na parede de tijolo do curtume e, fora os apitos aflitos dos trens do outro lado do rio, não havia mais que silêncio ao seu redor. Nem uma luz nas janelas. Todo mundo dormia.

Ele enxergava, entre as duas paredes, um fragmento de rua, e era a rua tal como ele a conhecia desde sempre durante os meses de inverno: nas calçadas, a neve formava dois bancos acinzentados, um do lado das casas, o outro do lado da via; entre ambos, uma estreita trilha enegrecida, que as pessoas mantinham aberta com areia, sal ou cinzas. Diante de cada porta, essa trilha era cortada por outra trilha que conduzia à via da rua, onde as marcas das rodas eram mais ou menos profundas dependendo do lugar.

Muito simples.

Matar o Eunuco...

Fardados eram mortos todas as semanas, e organizações patrióticas eram apossadas, refêns, conselheiros, gente importante era fuzilada e levada para Deus sabe onde. Em todo caso, não se ouvia mais falar deles.

Para Frank, tratava-se de matar seu primeiro homem e estrear a faca sueca de Kromer.

Nada mais que isso.

A única coisa que o afligia era estar com as pernas metidas até os joelhos na neve endurecida – porque ninguém pensara em tirar a neve do beco – e sentir os dedos da mão direita enrijecer pouco a pouco; mas ele havia decidido ficar sem as luvas.

Não se abalou ao ouvir passos. Sabia, aliás, que não era seu suboficial. Este, com suas botas pesadas, teria feito a neve ranger mais.

Estava intrigado e só. Os passos eram largos demais para ser de mulher. A hora do toque de recolher passara fazia tempo. Gente

como ele, como Kromer, como os fregueses do Timo, não se preocupavam com isso, por uma porção de razões; já os moradores do bairro não tinham o hábito de passear de noite.

O homem se aproximava do beco e, antes mesmo de avistá-lo, Frank já havia entendido, ou antes, adivinhado, e ter adivinhado lhe proporcionava certa satisfação.

De fato, uma luzinha amarelada vacilava na neve. Era a de uma lanterna elétrica que o homem balançava caminhando.

Aquele passo largo, quase silencioso, aquele passo ao mesmo tempo mole e espantosamente rápido, evocava automaticamente, para Frank, a silhueta do seu vizinho, Gerhardt Holst. O encontro se tornava de todo natural. Holst morava no mesmo prédio de Lotte, no mesmo andar. A porta do seu apartamento ficava bem em frente à deles. Ele era motorneiro de bonde, e seu horário de trabalho mudava a cada semana; às vezes saía de manhã cedinho, antes de o dia raiar; outras vezes, descia a escada no meio da tarde, invariavelmente com sua marmita de lata debaixo do braço.

Era grandão. Seu passo era silencioso porque usava botas que ele mesmo tinha feito, com feltro e trapos. É normal que um homem que passa horas na plataforma de um bonde procure manter os pés aquecidos, e no entanto Frank, sem nenhuma razão séria, não podia ver aquelas botas informes, de um cinzento de papel mata-borrão – elas pareciam ter a consistência desse papel –, sem ter uma espécie de mal-estar.

O homem todo era da mesma cor cinza, como se da mesma matéria. Parecia não olhar para ninguém, não se interessar por nada, a não ser pela marmita que levava debaixo do braço e que continha sua refeição.

E no entanto Frank desviava a cabeça para evitar seu olhar, ou, outras vezes, de propósito olhava Holst nos olhos com um ar agressivo.

Holst ia passar. E depois?

Era mais do que provável que seguiria reto seu caminho, empurrando diante de si, na neve e na trilha enegrecida, o círculo luminoso de sua lanterna. Frank não tinha nenhum motivo para fazer barulho. Colado à parede, estava praticamente invisível.

Então por que tossiu bem no instante em que o homem ia chegar na esquina do beco? Não estava resfriado. Não tinha a garganta seca. Quase não fumara aquela noite.

No fundo, tossiu para chamar a atenção. E nem era por desafio! Que interesse teria ele em desafiar um pobre coitado que conduz bondes?

Holst não era um verdadeiro motorneiro de bonde, está bem. Era evidente que vinha de outro ambiente, que sua filha e ele haviam levado outra existência. De gente assim as ruas estão cheias, bem como as filas na porta das padarias. Ninguém presta atenção neles. Eles é que têm vergonha de não se sentir iguais aos outros e adquirem um ar humilde.

Apesar disso Frank tossiu, intencionalmente.

Seria por causa de Sissy, a filha de Holst? Não teria o menor sentido. Não está apaixonado por Sissy. Aquela garota de dezesseis anos não o cativa. Ao contrário, ele é que a cativa.

Não acontece de ela abrir a porta de casa quando o escuta subir a escada assobiando? Não corre para a janela quando ele sai e ele não vê a cortina se mexer?

Se quisesse, ele a teria quando bem entendesse. Talvez com um pouco de paciência e tato, o que não é difícil.

O mais espantoso é que Sissy sabe sem dúvida nenhuma quem ele é, qual o ofício da mãe dele. Todo o prédio os despreza. Raras são as pessoas que os cumprimentam!

Holst também não o cumprimenta, mas ele não cumprimenta ninguém. Não por orgulho. É antes por humildade, ou porque as pessoas não lhe interessam, porque vive com a filha num pequeno círculo de que não sente a necessidade de sair. Tem gente assim!

Ele nem chega a ser misterioso.

Quem sabe não foi só por criancice que Frank tossiu? Era fácil demais, bobo demais.

Holst não ficou com medo. Seu passo não diminuiu. Não pensou que era dele que podiam estar à espera no beco. Isso também é bem curioso, porque afinal um homem não se gruda sem razão contra uma parede, no meio da noite, num frio de vinte graus abaixo de zero!

Na hora de passar em frente ao beco, mal muda a direção da sua lanterna, só um instante, o suficiente para iluminar a cara de Frank.

Este não se deu ao trabalho de erguer a gola do capote, de desviar a cabeça. Ficou totalmente descoberto, com aquele ar pensativo e decidido que sempre tem, mesmo quando só pensa em coisas fúteis.

Holst o viu e o reconheceu. Não tem mais de cem metros a percorrer para chegar ao prédio. Vai tirar a chave do bolso, porque, devido ao seu trabalho noturno, é o único dos inquilinos que possui uma chave.

Amanhã ficará sabendo pelo jornal – ou simplesmente na fila, à porta de qualquer comércio – que o suboficial foi morto na esquina do beco.

Logo, ficará sabendo.

O que resolverá fazer? Os ocupantes anunciarão um prêmio, como é de costume, quando se trata de um dos deles, ainda por cima graduado. Holst e sua filha são pobres, não devem comer carne mais de uma vez a cada quinze dias, e quase sempre são retalhos que ele ferve com *nabo*. Pelo cheiro que escapa das portas, dá para saber o que as pessoas de cada apartamento comem.

O que Holst fará?

Com certeza não está contente de que uma atividade como a de Lotte ocorra bem em frente à sua casa, em que Sissy passa seus dias.

Não é uma oportunidade para se livrar deles?

E no entanto Frank tossiu e não pensa um só instante em renunciar a seu projeto. Ao contrário! Por alguns segundos, faz uma espécie de prece para que o suboficial vire a esquina antes de Holst ter tempo de entrar no prédio.

Holst o ouviria, o veria. Quem sabe não esperaria um instante, chave na mão, e assim assistiria à coisa?

Não acontece assim. Que pena! Frank estava todo excitado com aquela ideia. Já lhe parece que há um vínculo secreto entre ele e aquele homem que está subindo a escada na escuridão do prédio.

Não é por causa de Holst que vai matar o Eunuco, claro, pois já estava decidido antes.

Só que, naquele momento, seu gesto não tinha o menor sentido. Era quase uma brincadeira, uma criançice. Como é mesmo que dizia? Uma defloração.

Agora é outra coisa que ele deseja, que ele aceita, com pleno conhecimento de causa.

Tem Holst, Sissy e ele; e o suboficial passa para o segundo plano, Kromer e seu amigo Berg perdem importância.

Tem Holst e ele.

E era como se ele acabasse de optar por Holst, como se o tempo todo soubesse que ele chegaria bem na hora, e não teria feito isso para mais ninguém, só mesmo para o motorneiro do bonde.

Meia hora mais tarde, batia na porta do bar do Timo, a pequena porta no fundo da viela, do modo combinado. O próprio Timo abriu. Não havia quase mais ninguém, e uma das garotas que bebia há pouco com o Eunuco vomitava na pia da cozinha.

– Kromer já foi?

– Já. Ele me disse para te avisar. Tinha um compromisso na cidade alta.

A faca, bem limpa, estava no bolso de Frank. Timo não dava atenção a ele e continuava lavando copos.

– Quer tomar alguma coisa?

Quase respondeu que sim. Mas preferia se provar que não estava abalado, que não precisava de álcool. E olhem que precisou repetir duas vezes, por causa da banha que cobria as costas do suboficial. O revólver inchava seu outro bolso.

Mostrá-lo a Timo? Não tinha perigo. Timo se calaria. Mas era fácil demais também. Era o que todo mundo teria feito.

– Boa noite.

– Vai dormir na casa da sua mãe?

Às vezes dormia aqui e ali, às vezes na casinha nos fundos do bar, onde as meninas comiam, às vezes na casa de Kromer, que tinha um bom quarto e um sofá, às vezes na casa de outros, variava. Mas tinha sempre uma cama de dobrar para ele na cozinha de Lotte.

– Vou pra casa...

Era perigoso, por causa do corpo que continuava atravessado na calçada. Era mais perigoso ainda desviar pela rua principal – chegando à ponte –, porque, por aquelas bandas, corria o risco de topar com uma patrulha.

O vulto escuro ainda estava na calçada, uma parte na trilha negra, uma parte no monte de neve, e Frank passou por cima dele. Foi o único momento em que teve medo. Não só de ouvir passos às suas costas, mas de ver o Eunuco se levantar, por exemplo.

Tocou a campainha e esperou um bom tempo até o zelador abrir a porta apertando um botão na cabeceira da cama. Subiu depressa os primeiros degraus, diminuiu o passo e, por fim, no momento de passar pela porta de Holst, sob a qual filtrava a luz, pôs-se a assobiar, para saberem que era ele.

Não entrou no quarto da mãe, que tinha sono pesado. Despiu-se na cozinha, onde havia acendido o lampião. Deitou-se. Recendia a caldo de carne e alho-poró, e o cheiro era tão forte que o impedia de dormir.

Levantou-se, entreabriu a porta dos fundos e deu de ombros.

Era Bertha que ocupava a cama aquela noite. Seu corpo gordo e sem graça estava quentinho. Empurrou as costas dela, ela resmungou, estendeu um braço, que ele precisou dobrar para caber na cama.

Um pouco depois, quase a possuiu, porque não conseguia dormir, depois pensou em Sissy, que com certeza era virgem.

Será que seu pai lhe diria o que Frank fizera aquela noite?